



O ALFABETO (VISOGRAMA) DA ELiS

AFONSO, Derli Aparecida Freitas¹ (UFMT)
MARTINES, Idete Garcia de Mattos² (UFMT)
CARDOSO, Ronam³ (UFMT)

INTRODUÇÃO

Segundo Higounet ([1955], 2003), a escrita está presente na sociedade desde a antiguidade, utilizando-se de recursos engenhosos como arranjo de objetos simbólicos, dos entalhes e desenhos como meio de expressão.

Partindo do desejo de proporcionar ao sujeito o direito de se expressar em sua própria língua, e de tê-la preservada, surgiram as escritas das Línguas de Sinais (LS). Entre os sistemas de Escrita de Língua de Sinais (ELS) existentes, temos a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criada no Brasil pela professora Mariângela Estelita Barros⁴, no ano de 1998, no decorrer de seu curso de mestrado na Universidade Federal de Goiânia. Sua dissertação tem como título “Proposta de Escrita de língua de sinais (1998).”

Posteriormente, o sistema de ELS por ela proposta, foi aperfeiçoado em seu curso de doutoramento, que teve como orientadora a professora Ronice Müller de Quadros e divulgado em sua tese no ano de 2008. A partir da aplicação da proposta didática, o sistema passa a se chamar ELiS. Anteriormente, a ELiS teve outras nomenclaturas, tais como *Alfasig* e *Quirosig* (BARROS, 2015, p. 12).

A ELiS é um sistema de escrita de base linear e alfabética, organizada a partir dos grupos fonéticos ou visêmicos proposto por Stokoe (1995). Os símbolos gráficos representam os parâmetros das LS, é linear pelo fato de ser sequencial. A ordem da escrita é sempre a mesma (*Opus., cit.*).

Barros (2008) afirma que os símbolos representativos dos visemas (fonemas) nesse sistema podem ser denominados mais tecnicamente como visografemas, ou seja, unidades mínimas (ema-), escritas (graf-) dos visemas(vis-), sendo uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos visêmicos (fonéticos) das LS ou simplesmente letras (BARROS, 2008). A ELiS é composta por quatro grupos específicos de

¹ Acadêmica do Curso de Letras-Libras – Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. <derli_freitas@hotmail.com>

² Acadêmica do Curso de Letras-Libras – Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. <igm_igm@hotmail.com>

³ Acadêmico do Curso de Letras-Libras – Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. <ronan.surdo@gmail.com>

⁴ Universidade Federal de Goiás (UFG).



2. Divulgar o alfabeto manual grafado em ELiS.

METODOLOGIA

Esse trabalho deu-se através da pesquisa bibliográfica, em livros, artigos, dissertações e teses. Ainda recorremos ao site CODIMUS (www.codimus.net) para referenciar a escrita do alfabeto manual. Por meio das leituras realizadas, foi possível a escritura do presente texto que servirá de base para a apresentação da comunicação científica, que será publicado como capítulo de livro eletrônico.

FUNDAMENTAÇÃO BASILAR

Esse trabalho está baseado nos autores Higounet ([1955], 2003); em Barros (1998), (2008) e (2015); Quadros e Karnopp (2004), os quais recorremos para dar fundamentação ao nosso aprendizado e por conseguinte, a exteriorização do mesmo, na tentativa de gerar conhecimento.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da ELiS deu-se a partir de fases distintas. A fase inicial, foi chamada de pictográfica, iniciou-se no início do ano de 1990 em Goiânia, durante um curso de Libras para ouvintes.

Barros iniciou seu estudo desenhando formas assimétricas, que mais tarde, percebeu que poderiam ser usadas para representar as mãos. “Qualquer elemento que me chamasse a atenção em determinado sinal, que pudesse evocar uma memória posterior do sinal estudado, era por ela de alguma forma grafado” (BARROS, 2008).

A fase ideográfica deu-se em 1995, em que Barros tentou sistematizar as representações gráficas que criava para cada sinal. A autora relata que criou um símbolo gráfico para cada sinal. A proliferação dos símbolos era imensa e quando estava próximo a 280, ela desistiu, pois percebera que estava criando um sistema de ELS pouco prática (BARROS, 2008).

Foi então, que em 1997, Barros teve a oportunidade de ir ao EUA e conhecer a *Gallaudet University*, onde conheceu os trabalhos de Willian C. Stokoe⁵ (1965) e Valérie Sutton⁶ (1981) e percebeu que não alimentava um sonho solitário. A partir daí, a autora

⁵ Pesquisador que desenvolveu um sistema de notação das LS.

⁶ Desenvolvedora do sistema de ELS *Sign Writing*.



estudou a proposta dos autores e relacionou seu trabalho com os estudados. O intuito não fora o de reinventar o sistema já existente (BARROS, 2008).

Barros começou a usar símbolos iguais aos propostos por Stokoe (1965), criou uma seqüência sistemática para escrevê-los e acrescentou outros aspectos dos sinais que julgou necessários. Ela reconhece que a ELiS tem base na teoria e no sistema proposto por Stokoe em 1965.

Em 2008, a ELiS passou por uma reforma, as modificações foram apenas nos níveis visêmicos e morfológicos, ou seja, foram criados novos visogramas e houve uma recombinação de outros existentes (BARROS, 2008).

O visograma (alfabeto) da ELiS é composto por 95 visogramas (letras), distribuídos nos quatro parâmetros próprios desse sistema de ELS. 10 visogramas de CD; seis visogramas de OP; 35 visogramas de PA e 44 visogramas de M. Na ELiS, as ENM são escritas por meio de visogramas de M específicos (denominados por Barros como Movimentos sem as mãos) e ainda, por meio do sistema de pontuação (BARROS, 2015, p. 92).

Muitos visogramas na ELiS são usados como diacríticos, sobrescritamente à direita do visograma escrito. No visema (fonema) movimento, pode ser usado para completar a ideia do movimento. Os números de 1 a 5 são usados para indicar, junto ao PA ou ao M, para indicar qual dedo realiza o contato ou qual deles realiza o movimento (BARROS, 2015, p. 88-92).

Os visogramas de OP podem ser usado como diacríticos para indicarem o eixo da palma da mão ou orientação da ponta do dedo. Visogramas de movimento são usados como diacríticos para representar o movimentos das letras do alfabeto manual. Existem ainda outros diacríticos na ELiS, são eles: diacríticos de repetição e diacríticos de alternância (BARROS, 2015, p. 88).

Na ELiS, os sinais foram agrupados por tipos. Existem um total de cinco. São eles: 1) sinal monomanual (que utiliza apenas uma mão); 2) sinal bimanual. Esse grupo se divide em simétrico (utiliza as duas mãos iguais), quase simétrico (utiliza ambas as mãos, no entanto, podem apresentar de um a três visemas iguais, apenas) e assimétricos (utiliza as duas mãos de forma diferentes em todos os visemas); 3) sinal com mão de apoio; 4) sinal composto e 5) sinal soletrado (BARROS, 2015, p. 82-85).

Barros (2008) designa visograma o conjunto de símbolos que mostram o recorte do *continuum* visual das LS. Esses símbolos do visograma (alfabeto) da ELiS, representam os visemas básicos das LS, que nas LO corresponde a representação dos “sons elementares”.

Para Stokoe, citado por Barros (2008), assim como nos demais alfabetos e



visogramas, os visografemas da ELiS são imprecisos quanto ao que representam, relacionado a tentativa de representação alfabética de quaisquer dos parâmetros básicos das LS. Portanto, há que se escolher entre precisão e a economia.

Sem afirmar que a ELiS seja perfeita para representas as LS, tampouco para a Libras, LS com a qual foi mais amplamente experimentada, com algumas adaptações é possível escrever qualquer LS usando seus visografemas e sua estrutura. Esse poder de adaptação não é mérito exclusivo da ELiS.

O mérito é devido a ideia do alfabeto ser usado com base na construção dessas escritas e, justamente a imperfeição inerente a materialização da ideia alfabética, é o que permite seu poder de adaptabilidade. A busca da relação biunívoca e quimérica é infrutífera. Se alcançada, resultaria na criação de um sistema de escrita extremamente frágil, prisioneiro de uma única língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao fato da ELiS ser alfabética, teoricamente é possível sua utilização em qualquer outra LS, feitas as devidas adaptações, pois representa os elementos básicos dessas línguas. Assim como o alfabeto das LO que representam os sons dessa modalidade linguística, o princípio generalista de utilizar um mesmo alfabeto para representar vários LO, resguardadas as devidas adaptações, o mesmo princípio pode ser aplicado no uso da ELiS.

Algumas adaptações foram feitas. São elas: para a escrita dos alfabetos bimanuais, propus arbitrariamente, a utilização da CD da mão esquerda e o PA da mão direita como diacrítico. Isso tornou uma possível forma de representar o alfabeto manual que apresenta tais características. Mas, segundo Barros (2008) podem ser utilizadas outras formas de escritas deste alfabeto.

A ELiS é um sistema de escrita criada há pouco tempo. Entende-se que é o momento de divulgação, pesquisa e publicações, por este motivo foi exposto anteriormente a ELiS decodificada em desenhos, anunciando uma superficial apresentação. Posteriormente, a ELiS foi divulgado na forma como conhecemos hoje.

Por meio de cursos de capacitação, a ELiS chegou a diversos locais no Brasil, incluindo a UFMT. Hoje, essa ELiS, por ser um sistema considerado leve e prático (BENASSI, 2014), é ensinado no Curso de Letras-Libras – Licenciatura dessa Instituição de Ensino Superior (IES), fomentando trabalhos como esse e a conscientização da necessidade da alfabetização do sujeito visual, bem como, dos profissionais que junto dele atuam.



REFERÊNCIAS

1. BARROS, M. E. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 1998.
2. _____. **ELiS: sistema brasileiro de Escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.
3. HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, [1955]2003.
4. QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artemed, 2004.